

# contribuição de tamás szmrecsányi à política científica e tecnológica

**Rui H. P. L. de Albuquerque**

Engenheiro, Analista de Ciência e Tecnologia do CNPq, Professor Doutor do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da UNICAMP

Avaliar a contribuição do professor Tamás para a temática da Política Científica e Tecnológica e, mais precisamente, para o Departamento de Política Científica e Tecnológica - DPCT, ligado ao Instituto de Geociências da Unicamp, é uma tarefa que, com prazer, vai-se tentar cumprir. Ela vai permitir percorrer cerca de 30 anos da história do tema no Brasil.

Assim, para começar, em 1978 ele já era o orientador do trabalho de mestrado em economia do autor deste artigo: dissertação a ser defendida junto ao antigo DEPE/IFCH/UNICAMP (Departamento de Economia e Planejamento Econômico, então ligado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas). Em janeiro daquele ano, deixei o regime de "tempo integral" da UNICAMP e fui trabalhar como técnico do CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que, na época, ainda tinha parte de suas diretorias sediada no Rio de Janeiro.

No CNPq-Rio, comecei a trabalhar na recém-criada Coordenação de Estudos de Política Científica — CET, subordinada ao então Vice-presidente do CNPq, José Pelúcio Ferreira. Nessa mesma época, a sede principal do CNPq já estava constituída em Brasília, por outro núcleo de técnicos, sob a presidência de José Dion de Melo Teles, e ali, também em 1978, foi criada uma coordenação de estudos "concorrente" da CET, designada Coordenação de Avaliação Tecnológica, que trazia para o Brasil, de forma pioneira, a metodologia do *Technology Assessment*,

extremamente bem sucedida nos Estados Unidos<sup>1</sup>. Esta última era gerenciada por Adolpho Wanderley Anciães e teve a seu cargo um estudo extremamente importante, que coincidia com a proposta de mudança da matriz energética brasileira da época: a "Avaliação Tecnológica do Alcool Etilico". Em setembro de 1978, foi feito, no Rio de Janeiro, um primeiro *workshop* com especialistas no tema, coordenada pelo Wanderley e por consultores que dariam forma final ao documento de avaliação de impactos sociais, técnicos e econômicos do recém-criado "Programa Nacional de Alcool". Para minha surpresa, um dos consultores contratados para avaliar os impactos dessa nova estratégia tecnológica, participando como responsável pelo *Technology Assessment* do Programa na perspectiva dos impactos no setor agrícola, era o professor Tamás Szmrecsányi<sup>2</sup>.

Ao final do ano seguinte, o presidente do CNPq era o matemático Maurício Mattos Peixoto. Ainda não existia o Ministério de Ciência e Tecnologia e o CNPq era o coordenador do então Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, envolvendo as Secretarias de Ciência e Tecnologia de cada um dos Ministérios e todos os órgãos federais que desenvolviam P&D. O Sistema pretendia também acompanhar todos os esforços estaduais (e, aliás, é dessa época o primeiro esforço de caracterizar um "orçamento nacional em Ciência e Tecnologia", que acompanharia todos os investimentos no setor no país). O CNPq e o Sistema estavam, então, ligados ao todo poderoso Ministério do Planejamento.

O novo presidente, Maurício Mattos Peixoto, solicitou um Relatório de Atividades do CNPq para o ano de 1979, que fosse mais do que um relatório burocrático e apresentasse informações não apenas do

<sup>1</sup> O escritório OTA — *Office of Technological Assessment*, criado em 1972, ligado ao Congresso Americano, elaborou mais de 750 estudos e análises sobre os impactos da modernização tecnológica. Foi fechado em 1995, não por acaso, pela maioria republicana. Aliás, em 1995, pela primeira vez em 50 anos, os republicanos conseguiram maioria no Congresso e o fechamento do OTA coincide com uma série de medidas conservadoras tomadas pela instituição, na época. Ver OTA — *Office of Technological Assessment* (1972-1995), no sítio: <<http://www.princeton.edu/~ota/>>.

<sup>2</sup> O trabalho completo foi publicado no livro: ANCIÃES, W. (coord.), *Avaliação Tecnológica do Alcool Etilico*, Ed. CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasília, 1979.

último ano, mas do primeiro quinquênio do CNPq — que fora reorganizado em 1974, acumulando também o já mencionado papel de Secretaria Executiva de todo o Sistema. Chamado a coordenar um Relatório sobre a nova política de ciência e tecnologia e sobre o papel do CNPq nela, além de lhe dar a redação final, encontrei novamente o professor Tamás Szmrecsányi.

Esses dois eventos ajudam, então, a compor uma memória que antecede a criação do referido Departamento de Política Científica e Tecnológica, seu local de trabalho, na UNICAMP, nas últimas duas décadas. Para se entender melhor como ele se aproximou deste Departamento, vale a pena voltar um pouco mais atrás. Recorde-se que se graduou em Filosofia, na USP, entre 1958 e 1961, tendo trabalhado sob orientação direta de Florestan Fernandes e tendo como colega José de Souza Martins, entre outros importantes nomes.

Formado, trabalhou como articulista internacional para a área de economia no jornal *O Estado de São Paulo*, como assessor direto de Ruy Mesquita, e como especialista em "planejamento e projetos" em várias empresas de engenharia no País. Deixou o Brasil em 1965 e seu interesse por Economia foi sistematizado pelos estudos que desenvolveu como aluno regular, entre 1965 e 1967, na *New School for Social Research*, em Nova York, nos Estados Unidos. Tamás voltou ao Brasil em 1967, manteve seu interesse em Economia e veio a obter o título de *Master of Arts* por aquele centro universitário em 1969. Lembre-se que a *New School* é, desde 1921, um baluarte do pensamento progressista em ciências humanas naquele país. E mantém esta importância até hoje.

De volta ao Brasil, Tamás retomou sua atividade profissional como economista, trabalhou na área de planejamento e projetos e também ministrou aulas na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz — ESALQ, onde, junto com Oriovaldo Queda, escreveu o clássico *Vida Rural e Mudança Social*, cuja primeira edição foi publicada em 1973. Nos anos 70, trabalhou como pesquisador/docente no Departamento de Economia e Planejamento Econômico — DEPE, que, então, era vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas — IFCH — da UNICAMP, no escopo de um grande projeto custeado pela Financiadora de Estudos e Projetos — FINEP, que apoiava as pesquisas daquela Instituição. Foi junto a este Departamento que defendeu seu doutorado formal, em

1976, sob orientação de Jorge Lobo Miglioli, tese que, em 1979, serviu de base para um outro livro clássico *O planejamento da agroindústria canieira do Brasil 1930-1975*, publicado pela HUCITEC.

Nos anos 80, teve autorização especial da Comissão de Tempo Integral para trabalhar simultaneamente na USP, onde tinha ingressado como professor concursado em História Econômica, e também na UNICAMP, universidade que ainda não tinha "quadro institucional" formal e que, na época, estava em fase de implantação.

Até aqui, este breve histórico serve para apontar a multiplicidade de experiências profissionais que o "Professor Tamás" desenvolveu no início de sua carreira, e que, de certa forma, destoam da "dedicação acadêmica" exclusiva com que ficou conhecido nos últimos anos.

Circunscrevendo este texto à sua participação na UNICAMP, de 1977 a 1987 Tamás orientou sete dissertações de mestrado e três teses de doutorado. Seu primeiro orientando em mestrado foi Mauricio Borges Lemos, 1977, com o trabalho "Um Estudo Comparativo sobre as Formas de Organização da Produção de Arroz no Brasil, 1950-70". Também em 1977, seguiram-se mais duas defesas, de Renato Sergio Jamil Maluf, com "A Expansão do Capitalismo no Campo: a Economia do Arroz no Maranhão", e de Sandra de Negraes Brisolla, com "Relação Pré-Capitalistas na Agricultura Brasileira: um estudo da cultura do algodão arbóreo no Ceará". Em 1979, terminava a dissertação de Laura C. Guarnieri, "Alguns Aspectos Sócio-econômicos do Planejamento na Cafeicultura", e, em 1980, de Nelson Prado Alves Pinto, "Evolução e Conseqüências da Política da Borracha no Brasil (A Falência da Borracha Vegetal)". Em 1981, a dissertação de mestrado do autor deste artigo, Rui Henrique Pereira Leite de Albuquerque, "Capital Comercial, Indústria Têxtil e Relações de Produção na Cotonicultura Paulista, 1920-50", e também, em 1981, a dissertação de Amilcar Baiardi, "Subordinação do Trabalho ao Capital na Lavoura Cacaueira da Bahia" (esta última junto à Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro).

Desse período, vale destacar a orientação de José Francisco Graziano da Silva, doutorando do Instituto de Economia em 1980, com a tese intitulada "Progresso Técnico e Relações de Trabalho na Agricultura Paulista", o mesmo Graziano que viria a ser um dos principais economistas agrícolas do país. Em 1986, o doutorando Amilcar Baiardi, com a tese "Inovação Tecnológica e Trabalho Assalariado na Agricultura

Brasileira", abriu caminho para seus trabalhos junto à Universidade Federal da Bahia, onde hoje é professor titular.

Objetiva-se, ao mencionar os títulos e as pessoas acima, chamar a atenção para o fato de que, embora esse conjunto de trabalhos não se desenvolvesse em torno de uma área designada especificamente como sendo de política científica e tecnológica, os temas diretamente ligados a questões dessa área já eram o objeto principal de suas atividades. Assim, a ênfase nas condições de produção da agricultura brasileira, a inovação, a questão da transformação das bases técnicas, de seus impactos produtivos e sociais, a importância da pesquisa e do desenvolvimento tecnológico e o papel das políticas públicas eram uma constante nas atividades que desenvolvia.

Ao mesmo tempo, chama a atenção sua pluralidade, tratando com a mesma importância orientandos de matrizes e de ligações institucionais tão distintas: eu era um técnico do CNPq, sem perspectivas de voltar à UNICAMP; Laura Guarnieri veio a trabalhar como técnica do BID, em Washington; Graziano, professor universitário dedicado à UNICAMP, Amílcar Baiardi, na Universidade Federal da Bahia. Com todos eles, sua preocupação se dava com a exigência da alta qualidade do trabalho: de todos cobrava uma precisão que não dependia da distinta origem de cada um, nem, pode-se afirmar, da respectiva matriz ideológica<sup>3</sup>.

O interesse de Tamás nos temas ligados à área de ciência e tecnologia ganhou objetividade específica entre 1987 e 1989, quando assumiu o cargo de Chefe do Departamento de Política Científica e Tecnológica, ligado ao Instituto de Geociências, e, em seguida, quando assumiu o cargo de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica, no mesmo departamento, entre 1990 e 1992. Mas essa sua trajetória foi iniciada em meio a uma "turbulência" que vale a pena recordar.

<sup>3</sup> Sua dedicação aos ex-alunos ia além das obrigações formais de orientação. Em conversa recente com Marcos Jank, atual presidente da ÚNICA — União da Indústria da Cana de Açúcar, pude saber, pelo próprio, que, quando estava fazendo seu mestrado na França, entre 1986 e 1988, trabalhando com o tema do mercado do açúcar e correlatos, Tamás — mesmo sem ser orientador — lhe enviou, periodicamente, longas cartas com sugestões sobre a pesquisa que ele fazia na Europa para sua dissertação. Sugestões e "orientação de fato" que, segundo Marcos, foram decisivas para a boa qualidade do seu trabalho.

Tamás, seguindo seu trabalho junto ao Instituto de Economia da UNICAMP, que, na primeira metade dos anos 80, já se desvinculara do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, foi eleito, em 1984, Chefe do Departamento de Política e História Econômica. Terminou seu mandato bastante desgastado com o caráter centralizador das decisões que eram tomadas pela direção geral do Instituto, que não levavam em conta a lógica departamental. Assim, ao final de 1986, estava fortemente inclinado a regressar definitivamente à USP e abandonar a UNICAMP.

Ora, o Departamento de Política Científica e Tecnológica estava em fase de institucionalização. Constituído inicialmente como Núcleo de Política Científica e Tecnológica, havia sido criado, em 1981, como uma área ligada à reitoria da UNICAMP, com apoio do reitor Zeferino Vaz, mas particularmente defendido pelo então Coordenador Geral dos Institutos e Vice-reitor Ubiratan d'Ambrósio. Teve como primeiro coordenador o Professor Amílcar Oscar Herrera, que, na época, já era o diretor do Instituto de Geociências. Herrera, geólogo argentino de projeção internacional, ligado ao "grupo de Bariloche"<sup>4</sup>, foi convidado pelo reitor Zeferino Vaz para criar, na UNICAMP, um Instituto de Geociências com a perspectiva moderna de integrar geologia às questões ambientais. Aceitou o convite, mas tinha deixado claro ao reitor uma paixão muito especial pela temática de Política de Ciência e Tecnologia<sup>5</sup>. Ora, o professor Herrera não conhecia pessoalmente o professor Tamás, mas tinha dele boas referências. Ao mesmo tempo, o professor Tamás também tinha, na prática, um interesse específico pelo mesmo tema que apaixonava Herrera. Pronto! Um encontro em um jantar, um convite e o professor Tamás abandonou a idéia de regressar à USP. Transferiu-se do Departamento de Política e História Econômica do Instituto de Economia para o Departamento de Política Científica e Tecnológica do

<sup>4</sup> O "Grupo de Bariloche", coordenado por Amílcar Herrera, juntamente com o Comitê consultivo composto por Helio Jaguaribe, Carlos A. Mallman, Enrique Oteiza, Jorge Sábato e Osvaldo Sunkel desenvolveram um estudo financiado pelo IDRC — Canadá, que se contrapunha ao modelo de desenvolvimento dos países centrais dos anos 70, e definia uma estratégia de desenvolvimento sustentável. Ver: IDRC, *Catástrofe o Nueva Sociedad — Modelo Mundial Latinoamericano 30 anos después*, Ottawa, 2004

<sup>5</sup> O primeiro livro sistematizando discussões sobre as questões de política científica na América Latina é de sua autoria: **HERRERA, Amílcar Oscar**. *Ciencia y política en América Latina*, México: Siglo Veintiuno, 1971.

Instituto de Geociências e iniciou uma trajetória acadêmica em que seus colegas do novo Departamento e a área temática da Política Científica e Tecnológica — PCT foram os grandes beneficiários.

Neste ponto do artigo, na opinião do autor, é possível organizar a contribuição de Tamás Szmrecsányi para a área de política científica e tecnológica em três "níveis". Um primeiro nível ligado à institucionalização da área, na UNICAMP; um segundo, ligado à formação de recursos humanos e às suas pesquisas no tema, e um terceiro, ligado à difusão.

A contribuição de Tamás para a institucionalização do DPCT foi fundamental. Assumiu sua chefia em 1987, para um mandato de dois anos e, neste período, deu ao Departamento corpo institucional, formalizando-o regimentalmente e cumprindo todas as normas da UNICAMP. Enfim, criou-o como um Departamento de fato. Entre 1991 e 1992, cumpriu pacientemente todas as instâncias burocráticas da Comissão Central de Pós-Graduação da UNICAMP, depois as da CAPES e as do CNPq, e conseguiu que fossem reconhecidos os programas de mestrado e doutorado do DPCT. Um trabalho dedicado, paciente, sistemático, que levou a cabo sem perder de vista a contribuição para as outras áreas acadêmicas em que trabalhava. E, em 1998, dois anos antes de sua aposentadoria formal, voltou a ser Coordenador de Pós-Graduação do DPCT.

Para apresentar sua contribuição para a pesquisa e a formação de recursos humanos em PCT, tomam-se as áreas em que o DPCT atua hoje e que permitem organizar o seu trabalho<sup>6</sup>. Hoje, compõem esta área cinco grandes linhas<sup>7</sup>: Mudança Tecnológica, Transformações Sociais e Meio Ambiente; Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação; Estratégias de Ciência e Tecnologia e Atores Sociais; Ciência e Tecnologia no Processo de Desenvolvimento; e História e Teorias da Ciência e da Tecnologia.

<sup>6</sup> Em outros artigos desta revista é possível conhecer sua importante contribuição para outras áreas como: Desenvolvimento Agrícola, História Econômica, História das Empresas, História do Pensamento Econômico.

<sup>7</sup> Ver o sítio: <<http://www.ige.unicamp.br/site/htm/14.php?secao=5&area=1&local=4>>

Pode-se afirmar que o professor Tamás trabalhou de modo mais direcionado para as linhas de "História e Teorias da Ciência e da Tecnologia" e de "Ciência e Tecnologia no Processo de Desenvolvimento". Assim, de forma tópica, tem-se que:

- entre os dois primeiros períodos como gestor, precisamente em 1990, desenvolveu um pós-doutorado em Oxford, no tema de História das Ciências;
- em 1994, tornou-se Professor Titular da UNICAMP, na cadeira de História Social da Ciência, junto ao DPCT;
- desde sua chegada ao DPCT, até depois de sua aposentadoria formal em 2001, foi responsável, como professor da Pós-Graduação, pelas disciplinas Métodos e Técnicas de Pesquisa em Política Científica e Tecnológica e de História Social da Ciência e da Tecnologia;
- como orientador, já professor do DPCT, apoiou os seguintes trabalhos de mestrado, dentro e fora do Departamento: em 1989, de Eduardo Fernandes Pestana Moreira, "Expansão, Concentração e Concorrência na Agroindústria Canavieira em São Paulo, 1975-1987" (mestrado em Economia); em 1991, de Victor Manoel Pelaez Alvarez, "O Processo de Inovação Tecnológica na Indústria de Gorduras Vegetais do Brasil" (mestrado em Política Científica e Tecnológica); em 1994, de Manuel Antonio Valdes Borrero, "Elementos para a Elaboração de uma Política Científica e Tecnológica da Agroindústria Canavieira de Cuba" (mestrado em Política Científica e Tecnológica); em 1998, de Alceu Arruda Veiga Filho, "Mecanização da Colheita de Cana-de-Açúcar no Estado de São Paulo: uma fronteira de modernização tecnológica da lavoura" (mestrado em Política Científica e Tecnológica); em 1999, de Luiz Octávio Ramos Filho, "O Papel da Pesquisa Científica e Tecnológica no Desenvolvimento da Citricultura Paulista: análise histórica da atuação do IAC, 1920-1960" (mestrado em Política Científica e Tecnológica); em 2001, de Graciela de Souza Oliver, "José Vizioli e o Início da Modernização Tecnológica da Agroindústria Canavieira Paulista, 1919-1949" (mestrado em Política Científica e Tecnológica) e, finalmente, em 2003, já formalmente aposentado desde 2001, o trabalho de Ema Elisabete Rodrigues Camillo, "Modernização Agrícola e Máquina de Beneficiamento: um estudo da Lidgerwood Mfg. Co. Ltd., 1850-1890" (mestrado em Economia).



Nesse período, também orientou teses de doutorado, de alunos formalmente vinculados ao Instituto de Economia, com quem não tinha perdido contato, e que o procuravam no DPCT. A primeira delas foi a de um dos fundadores, em conjunto com Amilcar Herrera, da área de política científica na UNICAMP, quando o Departamento ainda era o já mencionado Núcleo de Política Científica. Trata-se da tese de Renato Peixoto Dagnino, "A Indústria de Armamentos Brasileira: uma tentativa de avaliação" (doutorado em Economia), defendida em 1989. Na década seguinte, orientou as teses: em 1990, de Fausto Saretta, "O Elo Perdido: um estudo da política econômica do Governo Dutra (1946-1950)"; em 1991, de Pedro Ramos, "Agroindústria Canavieira e Propriedade Fundiária no Brasil"; em 1994, de Nelson Prado Alves Pinto, "O Capital Financeiro na Economia Contemporânea: uma revisão teórica e histórica de seu papel no desenvolvimento recente dos EUA"; também em 1994, de Paulo Roberto Beskow, "O Crédito Rural Público numa Economia em Transformação: estudo histórico e avaliação econômica das atividades de financiamento agro-pecuário da Creai/BB, 1937 a 1965"; e, finalmente, em 1996, de Claudia Heller, "Oligopólio e Progresso Técnico no Pensamento de Joan Robinson".

É interessante lembrar que, mesmo formalmente aposentado\*, todos os seus colegas de Departamento recebiam a cada semana um artigo, um comentário, um livro. Permaneceu trabalhando ativamente como pesquisador e professor. Paradoxalmente, sem nunca usar computador, *internet* nem celular, acompanhava com paixão todas as mudanças que ocorriam nas suas áreas de interesse, conectado a grupos de pesquisa em todo o mundo\*.

Tomando-se, agora, o terceiro aspecto acima citado, o da difusão, uma contribuição ímpar do Professor Tamás para a área de Política Científica, assim como o fez para a Economia, foi sua habilidade como editor

\* Aposentou-se em 2001.

\* Destaque-se que suas cartas e comentários, datilografados na velha "Lettera 22", ou manuscritos, eram transmitidos por *e-mail* pela Adriana Garruti Teixeira, fiel secretária do DPCT. Era a Adriana que também imprimia, a partir da *internet*, todas as mensagens, todos os convites que recebia, todos os artigos que ele solicitava para se manter atualizado. Tamanho foi o reconhecimento pelo trabalho dela que sua esposa, após seu falecimento, a presenteou com o par de abotoaduras que por muitos anos o acompanhou.

e organizador de algumas dezenas de livros, tendo sido membro de seis distintos Conselhos Editoriais no país e no exterior.

Tomando como exemplo apenas o seu trabalho como Editor da HUCITEC<sup>10</sup>, encontram-se, nessa editora, cerca de 26 livros ainda em catálogo, que foram por ele organizados, em 3 séries, a saber, "Obras Didáticas", "Teoria Contemporânea" e "Teses e Pesquisas"<sup>11</sup>. Dentre essas, destaca-se, como exemplo da série "Obras Didáticas", um livro recente, de 2006, intitulado *Economia da Inovação Tecnológica*, organizado por ele mesmo e por Victor Pelaez. Tamás é o autor do capítulo 5, intitulado "a Herança Schumpeteriana". A coletânea é de artigos, apresentando inicialmente leituras teóricas, na segunda parte, várias possibilidades de abordagem schumpeteriana, e, na terceira parte, relações entre inovação e desenvolvimento. Organizam-se leituras que Tamás fez de Schumpeter desde a *New School* (o autor deste trabalho usou algumas vezes um exemplar dele, do *Business Cycles*, com muitas anotações), o que reflete sua admiração por Schumpeter, muito antes de ele ter "virado moda" entre os teóricos da inovação.

Ainda sob esta perspectiva, tem de ser mencionado seu último esforço, como mentor da coleção "Clássicos da Inovação". Foram dez livros, publicados pela Editora da UNICAMP entre 2006 e 2008, com apoio específico de uma Comissão Editorial composta por ele, pelo Diretor Científico da FAPESP (Carlos Henrique de Brito Cruz, que prefacia os livros na sua contracapa) e por professores da UNICAMP (Sergio Queiroz, Ricardo Anido, Américo Craveiro). Tamás foi também o coordenador do Conselho Consultivo dessa coleção e reviu, pacientemente a tradução de cada um dos dez livros. Com isso, o leitor em língua portuguesa dispõe, hoje, de acesso imediato a autores clássicos como Edith Penrose, Nathan Rosenberg, Richard Nelson, Giovanni Dosi e Christopher Freeman, para citarmos alguns. Destaca-se, neste conjunto, exatamente o último livro, *A Economia da Inovação Industrial*,

<sup>10</sup> O autor aproveita para lembrar aqui uma explicação dada recentemente por Flávio Jorge Aderaldo, fundador da HUCITEC, sobre seu comportamento como editor. Recebendo muitas dezenas de propostas, lia todas atentamente e recusava a maioria delas. E o fazia usando seu humor típico: "Prezado Sr. . . Li com atenção e agradeço sua sugestão de publicação. No entanto, não pudemos aceitá-la. Devo comentar que as ideias originais de seu texto não são boas. E as boas ideias nele não são originais".

de Christopher Freeman e Luc Soete, na última edição revista e ampliada. A primeira, de 1974, transformou-se em um clássico. A última edição, em inglês, de 1997, revista e ampliada, foi a base da tradução e mereceu, para sua publicação pela UNICAMP, um prefácio especial, escrito por Christopher Freeman em 2006, que homenageia o Departamento de Política Científica e seu fundador, Amílcar Herrera. Este último livro é o mais volumoso - 813 páginas - e foi o que mereceu mais atenção do Professor Tamás. O autor deste trabalho teve o prazer de levá-lo em mãos à sua residência, na quarta-feira, dia 11 de fevereiro de 2009, cinco dias antes do seu falecimento. Em uma reunião que foi como que um último despacho, sentado à sua mesa de trabalho, bem arrumado como sempre, mas já muito abatido, depois de me sugerir uma série de atividades que deveriam ser executadas nesse mês, pude entregar-lhe o livro recém-impresso. Visivelmente contente, folheou-o, e disse: "Que bom! Missão cumprida!" Terminei, então, este texto, usando as suas próprias palavras. Olhando em perspectiva, nesta breve resenha, suas atividades, o senhor tem toda a razão. Prezando professor Tamás József Márton Károly Szmrecsányi: "Missão cumprida"!

Campinas, agosto de 2009